

O HERÓI CAPITÃO FERNANDO SALGUEIRO MAIA

————— António Garcia Correia

Escrever sobre SALGUEIRO MAIA, como me solicita a Associação Salgueiro Maia é para mim uma tarefa difícil, mas honrosa.

Existe já muita literatura, de vários autores, sobre a Biografia de Salgueiro Maia.

Conheci o Salgueiro Maia em Maio de 1968, por poucos meses, quando se apresentou na ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA (E.P.C.) para efetuar o Tirocínio, como complemento do Curso de Cavalaria da Academia Militar.

Voltámos a encontrarmo-nos na EPC, a partir de Janeiro de 1974, e iniciámos os contactos que conduziram ao 25 de Abril de 1974.

Por isso me cingirei, quase exclusivamente, ao seu perfil como militar.

Porém, sei que teve uma infância difícil, por sua mãe ter falecido, em consequência de um acidente de viação quando este tinha apenas quatro anos de idade e por seu pai, sendo ferroviário, mudar frequentemente de local de trabalho.

Salgueiro Maia era um nato condutor de homens, um líder, que contagiava os seus subordinados e os seus superiores hierárquicos, tanto com a sua alegria como com as suas perseverança, humildade, sensatez e valentia.

Iniciou a sua ação de comando como Alferes de Cavalaria estagiário, na 9ª (nona) Companhia de Comandos onde, sem curso específico é “obrigado” a comandar a referida companhia, no norte de Moçambique, em Montepuez, no distrito de Cabo Delgado, na ausência dos seus comandantes.

Posteriormente na opinião dos seus comandantes é referido como oficial operacional, destemido, mas com sensatez.

Seguiu-se uma comissão, já Capitão, na Guiné, como Comandante da Companhia de Atiradores de Cavalaria nº 3420.

A sua zona de influência era uma das mais difíceis daquela colónia, onde resiste heroicamente a fortes e frequentes ataques do inimigo.

Por vezes é a sua companhia nomeada para socorrer outras subunidades próximas que, momentaneamente, se encontravam em situações de maior perigo.

Tal facto, chegou a acontecer nas vésperas de terminar a sua comissão ao que os seus homens obedecem fruto da sua capacidade de comando.

Já com alguma consciência política, profere cânticos e frases contra o regime e a guerra colonial, mas que a hierarquia não tem coragem para o punir.

A partir de Janeiro de 1974 quando regressei de Angola, retomámos o contato e, por vezes, tomamos parte em diversas reuniões fora de Santarém que terminavam nesta Cidade, em casa de vários militares, inseridos no Movimento dos Capitães.

A sua voz e as suas posições, eram sempre ouvidas por todos os presentes com interesse para as consequentes deliberações.

A decisão de comandar a coluna que iria cumprir a missão em Lisboa, em Abril de 1974, é decidida por ele com a seguinte argumentação:

«Os oficiais e os restantes militares, que em princípio irão na coluna, estão aqui na EPC, sob o meu comando e sou eu que os conheço e eles a mim, logo serei eu o comandante da coluna».

Seguiu-se o HERÓICO período de todos BEM conhecido, quer no Terreiro do Paço quer no Largo do Carmo, que culminou com a rendição de Marcello Caetano, a quem Salgueiro Maia tratou com dignidade, quando após os tiros de intimidação para a fachada do Comando Geral da G.N.R., entrou no Quartel e chegou à fala com o Chefe do Governo.

FOI O HOMEM CERTO, NO LOCAL CERTO.

Posteriormente, negou convites e nomeações para altos cargos da vida política e militar, regressando com humildade à sua condição de Oficial da E.P.C.

A partir daí, foi quase ignorado, principalmente pela classe política.

Em 1976, é colocado na ilha de São Miguel nos Açores, sem qualquer critério, onde a Frente de Libertação dos Açores (F.L.A.) estava muito activa, sofrendo dissabores, na sua maioria de linguagem sempre agressiva, por alguns habitantes e pela maioria da comunicação social açoriana.

Regressa à E.P.C. em 1978, sendo de imediato colocado na Direção da Arma de Cavalaria, em Lisboa.

O tempo livre em Lisboa permite-lhe a reinscrição no I.S.C.S.P. sendo aprovado em todas as disciplinas, terminando com 15 (quinze) valores o curso de Ciências Antropológicas e Etnológicas

Posteriormente, de 15 de Junho de 1979 a Agosto de 1981, Comanda o Presídio Militar de Santarém, não sendo colocado na sua E.P.C.

Em 14 de Agosto de 1981 é transferido para o Regimento de Cavalaria de Santa Margarida até 27 de Outubro de 1983, seguindo para Lisboa, onde, no Instituto de Altos Estudos Militares frequenta o Curso de Comando e Estado Maior, regressando finalmente à E.P.C.

«Salgueiro Maia, tinha perfeita noção e consciência, desde o primeiro momento da revolução, de que tinha chegado longe demais, para ser bem vindo nos locais de influência militar, política, estratégica e social.»

Frequentou então o Curso de Arqueologia no Instituto Politécnico de Santarém, com especial apetência pela Antropologia e Ciências Sociais e Políticas.

Em Junho de 1992, Salgueiro Maia requer uma Pensão ao Estado Português, alegando «Serviços Excepcionais ou Relevantes prestados ao País», não com o objectivo de ganhar dinheiro, de que não necessitava, mas para obter da hierarquia o Reconhecimento pelo papel que desempenhou no 25 de Abril de 1974.

Não obtém o parecer favorável do Supremo Tribunal Militar, mas obtém o parecer favorável da Procuradoria Geral da República. O Ministério da Defesa, remete-o para o Montepio dos Servidores do Estado.

Porém, o Ministério das Finanças refere que, sem o **SIM** do Supremo Tribunal Militar, não é possível atribuir-lhe a Pensão. No entanto meses depois, acabou por ser atribuída a dois inspetores da P.I.D.E.

Já muito doente e sabedor da consequência da sua doença, confia-me sob sigilo, uma carta fechada para ser entregue a sua mulher após o seu falecimento o que vem a acontecer a 3 de Abril de 1992.

Tive o triste privilégio de ajudar a transportar a sua urna, da capela da Academia Militar para o carro funerário, que seguiu para Castelo de Vide onde, que cumprindo-se uma das suas disposições, foi sepultado em campa rasa, no Talhão dos Combatentes.

Era e foi assim o Capitão Salgueiro Maia, ícone e símbolo do HERÓI PORTUGUÊS, pela forma digna e audaciosa, como cumpriu e ajudou a decidir, um momento ímpar da vida de uma Nação, PORTUGAL.